OS LEPROSOS DE ONTEM E OS DE HOJE: COMO ENFRENTAR A REALIDADE DO CRACK?

Marcio Gonçalves Campos[1]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fazer um paralelo entre os leprosos do tempo de Jesus, que eram pessoas totalmente excluídas da sociedade e, em contrapartida, salientar o problema dos dependentes químicos que são, de igual modo, excluídos tanto quanto os leprosos da época de Jesus. Com isso pretendemos levantar a problemática do enfrentamento das ações na prevenção e no combate ao uso de drogas e para ser mais específico, do crack que, de forma escancarada, tem solapado, destruído e acabado com a vida de muitos jovens, "inclusive jovens de nossas igrejas.

Palavras-chave: Leprosos. Dependente químico. Cristolândia. Jesus Cristo.

Introdução

Na Bíblia, para ser mais preciso, no Antigo Testamento é onde podemos encontrar os primeiros relatos a respeito da enfermidade chamada de "lepra", palavra que, no hebraico, *tsaarath*, aparece trinta e cinco vezes, quase todas no livro de Levítico 13 e 14 (CHAMPLIN, 2013, p. 373).

Do ponto de vista bíblico, no que diz respeito à doença propriamente dita, ela não representa somente um tipo de micose de pele, mas está também relacionada a vários outros tipos de problemas de pele causados por fungos que poderiam estar nas roupas, paredes e acentos. No caso da doença "Hanseníase", os sacerdotes desenvolviam um papel crucial dentro da sociedade judaica, pois de acordo com ALLEN (1994, p. 55), não havia médicos disponíveis:

A doença era considerada uma forma de impureza e a sua identificação colocada sob a responsabilidade do sacerdote. Isso é indício muito claro de que estamos tratando de uma situação em que Israel carecia de doutores de medicina e que o tratamento de doenças era quase inexistente.

Pelo fato desta patologia não possuir uma forma eficaz de tratamento naquela época, as pessoas eram enviadas de forma compulsória ao isolamento para

[1]Marcio Gonçalves Campos, natural de São Paulo é pastor e membro da Igreja Batista da Capunga, Bacharel em Teologia pelo STBNB (por extenso), Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN e Mestrando em Teologia pela UNICAP. Atualmente trabalha com missões urbanas, em palestras de prevenção e combate ao uso de drogas e no combate direto às drogas na Missão Batista Cristolândia (instituição de acolhimento para dependentes químicos fica onde?). E-mail: mcradical01@gmail.com

que não contaminassem os demais. No livro de Levítico isto era descrito como uma forma preventiva de tratamento e por outro lado, uma forma de preservar a população de uma possível epidemia. Entretanto, no livro de Números 12.14-15, temos outra conotação da lepra, pois, neste episódio a irmã de Moisés (Miriã) é disciplinada por YHWH por ter criticado a liderança de Moisés e isso faz com que ela ficasse leprosa. O pior de tudo não foi o fato de ela ter ficado leprosa, mas sim, porque depois de curada, teve que ficar isolada. Segundo o livro de Números 12.14-15:

> O Senhor respondeu a Moisés: "Se o pai dela lhe tivesse cuspido no rosto, não estaria ela envergonhada sete dias? Que fique isolada fora do acampamento sete dias; depois ela poderá ser trazida de volta". Então Miriã ficou isolada sete dias fora do acampamento, e o povo não partiu enquanto ela não foi trazida de volta.

Com isto podemos perceber que, aqueles que eram acometidos pela lepra, passavam por diversas dificuldades nas áreas da saúde, familiar, social e também espiritual uma vez que não podiam frequentar o tempo.

No Novo testamento essa perspectiva não se tornou nada diferente. Na verdade ela passou a ser de certo modo até pior, pois, com o desenvolvimento do legalismo instaurado pelos sacerdotes fariseus o que era para ser um momento de reclusão como uma forma preventiva de contágio acabou se tornando uma verdadeira condenação sumária sem direito a julgamento e com pouquíssimas chances de uma possível reinserção social. Mas, será que todos os judeus trataram o assunto desta forma? É o que veremos adiante.

1. O tratamento de Jesus Cristo para com os leprosos de sua época.

A patologia da qual estamos tratando aqui, a princípio, era a mesma de dois mil anos atrás e se constituía como um paradigma dentro da sociedade daquela época, mas não só isso: Ela também era contagiosa e, por isso, havia muito preconceito em todas as camadas daquela sociedade.[2]

[2] De acordo com ministério da saúde, a hanseníase é uma doença crônica, infectocontagiosa, cujo agente etiológico é o Mycobacterium leprae (M. Leprae). Esse bacilo tem a capacidade de infectar grande número de indivíduos, no en¬tanto poucos adoecem. A doença acomete principalmente pele e nervos periféricos podendo levar a sérias incapacidades físicas. É de notificação compulsória em todo o território nacional e de investigação obrigatória. Essa doença pode acometer pessoas de ambos os sexos e qualquer idade em áreas endêmicas. Entretanto, é necessário um longo período de exposição e apenas uma pequena parcela da população infectada adoece. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/hanseniase>. Acessado em 02 de abril de 2018.

Nos Evangelhos sinóticos (Mt 8.1-4: Mc 1.40-45; Lc 5.12-16), encontramos os relatos a respeito do procedimento no trato de Jesus Cristo para com estas pessoas e, nessas passagens descritas acima, observa-se uma total quebra de paradigmas, pois, Jesus fez o que ninguém queria fazer: “Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: "Quero. Seja purificado! Imediatamente, ele foi purificado da lepra.” (Mateus 8:3).

Quando Jesus Cristo toca neste homem, ele abre um precedente para uma série de questionamentos e reflexões a respeito de sua conduta, pois, o que ele havia acabado de realizar não era inédito (pois Eliseu havia curado Naamã - 2 Reis 5.14) e ele fez questão de relatar isto quando repreendeu aqueles que eram seus conterrâneos de Nazaré sua cidade natal: “Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado: somente Naamã, o sírio". (Lucas 4:27).

Os questionamentos a respeito de sua conduta e quem de fato ele era, foram bastante pertinentes, pois, levantavam a questão da omissão, da negligência e do descaso proporcionado e muitas vezes até incitado pelo grupo religioso dos fariseus. A despeito destas coisas, Jesus Cristo continuou o seu ministério e quando, na prisão, foi inquirido por João Batista, a respeito do messianismo de Jesus. Segundo KEENER (2017, p. 78):

> A atitude de João aqui contrasta de forma notável com Mt 3.14. Alguns comentaristas argumentam que João está preocupado com os relatos de que Jesus havia tocado em pessoas impuras (Mt 8.3; 9.20,25); a esses relatos Jesus responde com o resultado de seu gesto.

Jesus respondeu: “os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres; e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa". (Mateus 11:5,6).

Esta passagem é o epílogo do exemplo que ele mesmo havia deixado e da ordem que deu aos seus discípulos quando os enviou para a missão: “Por onde forem, preguem esta mensagem: ‘O Reino dos céus está próximo’. Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; dêem também de graça.” (Mateus 10:7,8), com isso demonstrava que não deveria ser somente Ele quem haveria de tratar as pessoas, mas sim todo aquele que decidisse segui-lo e tê-lo como Senhor e Mestre.

2. O atual paradigma do crack e as políticas de enfrentamento

Com certeza existem muitas doenças que causam repulsas e preconceitos entre as pessoas de um modo geral, “pois ninguém quer ficar doente” e a falta de conhecimento a respeito destas doenças faz com que a indiferença e o preconceito sejam potencializados. Entretanto, em nossas sociedades modernas uma das maiores mazelas que tem afligido a humanidade tem sido as drogas que, ao longo dos últimos 68 anos, ou seja, desde 1950, tem tido um enorme aumento em termos de consumo. Porém, de todas as drogas existentes até o presente momento, nenhuma delas tem tanto poder de destruição quanto o crack.

De acordo com DUARTE; FORMIGONI (2017, p. 89), “O surgimento do uso do crack no Brasil foi detectado por redutores de danos (profissionais que compõem o Programa de Redução de Danos) que trabalhavam com usuários de drogas injetáveis no início da década de 90.”, neste período o crack ainda não tinha alcançado o nível de abrangência de forma cruel e degradante como presenciamos (pessoalmente nas ruas ou pelas mídias). Basicamente, o crack é um derivado da cocaína, mas possui outros aspectos diferentes sendo também apresentado na forma de pó. Ainda segundo DUARTE; FORMIGONI (2017, p. 88):

> O crack é uma forma distinta de levar a molécula de cocaína ao cérebro. Sabe-se que a cocaína é uma substância encontrada em um arbusto originado de regiões dos Andes, sendo a Bolívia, o Peru e a Colômbia seus principais produtores. [...] No século XIX, a planta foi levada para a Europa, onde se identificou a substância que provocava seu efeito. Esta foi, então, chamada de cocaína. A partir daí, processos químicos passaram a ser utilizados para separar a cocaína da folha da coca, gerando um pó branco denominado de cloridrato de cocaína. Desde o século XIX o cloridrato de cocaína é utilizado, seja por meio de sua inalação nasal, seja dissolvida em água pela sua injeção nas veias. Utilizando diferentes processos de fabricação, além do pó branco, é possível serem produzidas formas que podem ser fumadas. São elas a merla, a pasta de coca e o crack.

Esta última forma, porém, é a mais devastadora, pois tem o efeito mais rápido e muito mais forte e isso contribui para que o usuário se torne dependente químico em questão de semanas e às vezes até de dias. Depois que essas pessoas entram no vício do crack a sua estrutura familiar, psíquica, social e amorosa vão ruindo, uns de maneira mais lenta e outros de forma muito rápida. De acordo com

uma pesquisa feita pala FIOCRUZ, os dependentes químicos sofrem várias discriminações como, por exemplo[3].

Hoje contamos com inúmeros meios de tratamento que seria praticamente impossível citá-los, pois temos casas terapêuticas, clinicas e centros de reabilitação e diversos programas de redução de danos (aquele onde o usuário – dependente, não fica internado) e, desta forma, os que entram precisam buscar apoio. A título de exemplo temos o programa Atitude[4]:

> [...] nem tudo são más notícias na pesquisa. Alguns dados sugerem que a maioria dos usuários tem consciência de que o uso do crack tem conseqüências negativas em suas vidas. Segundo o trabalho, 89,1% dos entrevistados afirmaram terem vontade de se tratar do vício, e 74,2% das pessoas que procuraram o Atitude o fizeram, de acordo com a pesquisa, para "melhorar a saúde". "A redução no consumo após o ingresso no programa também foi significativa: de 24,5 pedras por dia para nove pedras. E muitos estão há meses sem usar nada", explica a coordenadora geral do programa Atitude, Malu Freire.

O Programa ATITUDE - Atenção Integral aos Usuários de Drogas e seus Familiares é uma ação do Governo do Estado de Pernambuco, coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude (SDSCJ) por meio da Secretaria Executiva de políticas Sobre Drogas (Sepod). E é o mínimo do que pode ser feito em relação ao tratamento de dependentes químicos.

3. Cristolândia: um exemplo de cidadania que nos serve de inspiração

Quando vemos um desastre acontecendo, como por exemplo: uma enchente, um incêndio ou um deslizamento de terra, percebemos como todos se mobilizam para fazer algo em prol daqueles que estão passando por dificuldades decorrentes do infortúnio ocorrido. Felizmente existem pessoas e instituições que pensam da mesma forma, pois, não ficam de braços cruzados em meio ao caos. E foi a partir de uma visão realista sobre o problema do crack, que surgiu a "Missão Batista Cristolândia: um lugar de esperança para uma nova vida", que foi inaugurada

[3] O uso prolongado da droga tem um efeito devastador sobre as relações familiares, segundo a pesquisa: 63,9% das pessoas dizem ter filhos, mas apenas 8,8% afirmam morar com eles. A quebra dos vínculos familiares e sociais é um dos pontos mais preocupantes detectados na pesquisa. Disponível em:<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/04/15/fiocruz-traca-perfil-do-usuario-de-crack-em-pernambuco-231117.php>. Acessado em 02 de abril de 2018.

[4] Site Jornalístico. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/04/15/fiocruz-traca-perfil-do-usuario-de-crack-em-pernambuco-231117.php> acessado em 02/04/18 às 02:24h.

em 2010 com o propósito exclusivo de ser uma resposta ao problema do crack. Segundo VIEIRA (2016, p. 47) tudo começou na igreja:

> Comecei a dizer à igreja que, de alguma forma, a Cracolândia seria alcançada e abençoada pelo evangelho de Cristo. A igreja começou a orar por isso, a se entusiasmar com esse imenso desafio, até que em um de nossos cultos eu comecei a dizer, como vinha fazendo todas as semanas: “Vamos entrar na Cracolândia!”[...]. Até que, sem que nada tivesse sido pensado ou elaborado previamente, eu disse a seguinte frase à igreja: “a Cracolândia vai virar CRISTOLÂNDIA”. Pronto! Foi desse modo que surgiu o nome CRISTOLÂNDIA.

A partir da iniciativa dos membros da Primeira Igreja Batista de São Paulo, juntamente com o seu pastor, é que foi possível dar inicio a este grandioso trabalho chamado: “Cristolândia”. A forma como eles começaram foi bem simples, segundo VIEIRA (2016, p. 63): “Quanto à rotina dos moradores da Cracolândia, eles tomavam banho, recebiam roupas limpas, tomavam café, almoçavam, ouviam palestras e passavam por uma triagem”. Se fosse só isso, já seria uma ótima ajuda. Mas esta comunidade não pensava só no aqui e agora, pois, o maior desafio era encaminhá-los para uma casa de reabilitação que, de acordo com VIEIRA (2016, p. 63) “Todos os que manifestavam sinais nítidos de que queriam mudar de vida eram encaminhados para centros de recuperação de dependentes químicos com os quais a CRISTOLÂNDIA tinha convênio”. Mas não parou por aí! Hoje a Cristolândia conta com mais de XX unidades espelhadas por 8 Estados, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Maceió. Em Recife-PE, a Cristolândia existe desde 16/11/2011 e, só neste ano foram XX refeições oferecidas, XX banhos concedidos e no ano de 2017 foram acolhidos XX de alunos (nome dado aqueles que ingressam no projeto).

Considerações Finais

Como observamos anteriormente, no Antigo Testamento não havia médicos disponíveis para o tratamento da lepra e hoje também não temos para outras doenças como “a dependência química”, pois o número de usuários é superior ao número de profissionais capacitados nesta área.*

Em relação ao isolamento que as pessoas sofriam no Antigo Testamento, não é muito diferente do isolamento que os usuários de crack e de outras drogas sofrem hoje, pois quando se descobre que um colega de trabalho, um “amigo”, um parente ou familiar está envolvido com o crack, automaticamente o afastamento se

torna algo quase que inevitável. Em contrapartida, notamos na pessoa de Jesus Cristo uma forma distinta e nobre de tratar as pessoas. Algo que nos parece um tanto distante de nossa realidade. Afinal de contas, Jesus Cristo fez o que ninguém queria e não quer fazer, ou seja, tocar na ferida. Mas ele deixou ordens expressas e bem claras para os seus discípulos realizarem os mesmos feitos que ele já havia realizado. Por onde forem, preguem esta mensagem: “O Reino dos céus está próximo. Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; dêem também de graça” (Mateus 10,7-8), e ainda “Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai” (João 14,12).

Na época de Jesus havia um preconceito causado pela ignorância oriunda da falta de conhecimento técnico da patologia (hanseníase), mas, e hoje? O governo não é suficiente nem eficaz diante do problema do crack. O desafio que deixamos para toda comunidade cristã e para a sociedade em geral é: Cada um de nós tem a sua parcela de responsabilidade para contribuir em relação ao combate a dependência química em crack.

Referências

Ministério da saúde. (27 de nov de 2017). saude-de-a-z/hanseniase. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/hanseniase> acesso em: 07 abr. 2018.

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. v. 2.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Palavra-Chave Hebraico e Grego.** 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BÍBLIA. Português. **Nova versão internacional**. Traduzida pela comissão de tradução da sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013 v.2.

DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; FORMIGONI, Maria Lucia Oliveira de Souza. **O uso de substâncias psicoativas no Brasil**: – (SUPERA: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento). módulo 1. – 11. ed. – Brasília : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo testamento – São Paulo: Vida Nova, 2017.

SOUZA, Jessé. **Crack e exclusão social.** Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

VIEIRA, Paulo Eduardo Gomes. **Cristolândia:** esperança na Cracolândia. – São Paulo: CLC Brasil, 2016.